



## MOVIMENTO CORPORAL E PERCEPÇÃO: UM TRABALHO COM BEBÊS DE UM CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE CATALÃO-GO

Thalita Tomázia de Alcântara Cintra<sup>1</sup>  
Maria do Carmo Morales Pinheiro<sup>2</sup>

**Resumo:** *Este texto apresenta relatos e discussões acerca de uma experiência de intervenção pedagógica junto ao Berçário de um CMEI de Catalão, desenvolvida pela disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II do Curso de Educação Física do Campus Catalão da UFG, em 2010. Nossa proposta baseou-se em estudos em torno do desenvolvimento da criança, de suas relações com o mundo e com o conhecimento, principalmente a partir das contribuições de Wallon (1975). Nessa perspectiva, elegemos o movimento corporal e a percepção dos bebês como principais elementos a serem tratados a partir de diversas dinâmicas, incluindo-se a massagem infantil.*

**Palavras-chave:** *Estágio, Bebês, Movimento Corporal.*

### Onde tudo começou...

Este trabalho foi desenvolvido durante o 7º período do curso de Licenciatura em Educação Física do Campus Catalão da Universidade Federal de Goiás como exigência parcial da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II<sup>3</sup>. A proposta da referida disciplina é de que os acadêmicos estagiem nos campos da Educação Infantil e da Educação Especial durante os dois semestres letivos do último ano do curso. Em nosso caso, o trabalho com caráter de estágio permitiu uma aproximação ao ambiente da Educação Infantil, o que provocou questionamentos e apontamentos acerca das possibilidades de atuação da Educação Física junto às crianças de 0 a 5 anos de idade.

Para atender aos objetivos gerais da intervenção pedagógica realizada no CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil), organizamos nossos encontros em 9 (nove) aulas diversificadas e que foram desenvolvidas de acordo com as necessidades e curiosidades demonstradas pelos bebês<sup>4</sup>, além de considerar as indicações da literatura consultada.

O CMEI, instituição vinculada à Secretaria Municipal de Educação de Catalão, está localizado em área periférica da cidade de Catalão. Atende crianças de 0 a 5 anos de idade, garantindo pela legislação brasileira a Educação Infantil como direito de toda criança e dever do Estado.

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Educação Física do Campus Catalão – Universidade Federal de Goiás.

<sup>2</sup> Professora Adjunto I do curso de Educação Física do Campus Catalão da UFG. Orientadora do estágio.

<sup>3</sup> A ementa da disciplina aponta para: estudo de proposições para o ensino da educação física reconhecendo suas bases teórico-metodológicas e sua viabilidade e possibilidades de implementação em diversos ambiente educacionais. Planejamento e construção de proposta de ensino de educação física a ser implantada em escolas da rede pública de ensino.

<sup>4</sup> A disciplina de Estágio propôs que os acadêmicos escolhessem o grupo com o qual mais se identificassem para desenvolver o trabalho durante o estágio. Ficamos com o berçário que suscitava curiosidades e questionamentos a respeito do que poderia ser feito, junto da disponibilidade de conhecer, trabalhar, estudar os bebês para melhor compreender a Educação Infantil.



**CONCOCE / CONDICE 2010**

IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte  
I Congresso Distrital de Ciências do Esporte  
22 a 25 de setembro de 2010 - Brasília, DF

**ISSN 2178-485X**



Os suportes teórico-metodológicos oferecidos pelo curso de Educação Física ajudaram no processo de elaboração das atividades propostas, uma vez que é preciso compreender o funcionamento dessas instituições que atendem a sociedade e contribuem para a educação de nossas crianças.

Nessa direção, é importante retomar o sentido inicial da palavra *creche*, vinda do francês, que significava *manjedoura*, associada ao simbolismo cristão de dar abrigo a um bebê necessitado. Aí é que tem origem as instituições que atualmente, no Brasil, chamamos de instituições de Educação Infantil. Por mais que a legislação vigente trate a educação das crianças de 0 a 5 anos como direito e não como favor, ainda hoje as funções da Educação Infantil estão sendo redefinidas na tentativa de superar a visão assistencialista com que era identificada desde o início do século XIX. Retomar tais origens é importante, inclusive, para explicar que a nomenclatura CMEI se afina com iniciativas dessa ordem, motivo pelo qual a diretora do CMEI reiterava por diversas vezes que aquela instituição não deveria ser chamada de creche.

Diante disso, o principal desafio posto por esse campo de intervenção era o de construir novas possibilidades de aprendizado e de vivência para crianças que passam a maior parte do dia e da semana nessas instituições, na tentativa de afastar as concepções filantrópicas com que a creche historicamente tem sido identificada.

A problemática encontrada junto ao grupo do Berçário foi a carência de movimentos corporais mais livres e de interação social, pois eles passam grande parte do tempo dentro dos berços sem contato com as outras crianças e com o espaço em si, impossibilitando os seus aprimoramentos em termos motores, emocionais e cognitivos. Tal situação ocorre muito em função de que apenas uma professora é responsável pelo grupo todo, pois as auxiliares são proibidas de desenvolver as tarefas de troca de fraldas e de banho, o que sobrecarrega apenas uma profissional para que mantenha a rotina estabelecida. No caso dos bebês, a rotina costuma se estruturar em torno dos cuidados com a higiene e a alimentação, motivo pelo qual as crianças, inclusive por questão de segurança, são mantidas nos respectivos berços, isoladas umas das outras e do próprio ambiente que poderia ser melhor explorado.

Assim, o trabalho pedagógico que poderia ser feito com vistas ao desenvolvimento infantil, fica muito aquém de suas possibilidades. Mesmo que a justificativa para esse modo de organizar o berçário e de tratar os bebês gire em torno do precário número de profissionais que os atendem, não há como deixar de perceber que esse tipo de ação também educa, como afirma Kuhlmann Jr. (1998), para a solidão característica daqueles que devem se adaptar o mais rápido possível ao sistema social e cultural tal qual ele opera. Ao discutir a concepção de pré-educação higienista, o referido autor mostra como a produção da obediência passa por uma educação fundada na rejeição da espontaneidade, na negação do prazer e na ausência de contato corporal.

Mesmo que essa direção educativa não seja deliberadamente intencional, é preciso problematizá-la, inclusive porque ela coloca em cena certo processo de formação de professoras de crianças pequenas, que não conseguem pensar sua prática pedagógica para além dos limites da execução dos cuidados básicos. Nesse sentido, Oliveira (1992) destaca:

Muitas vezes os educadores da creche ficam tão preocupados com outras coisas (a merenda, as mães, a organização dos grupos de crianças, além dos sérios problemas cotidianos enfrentados por todos: o salário, a condução, a violência urbana) que reduzem suas tarefas ao cumprimento



de uma rotina monótona e cansativa. Adiam assim a reflexão sobre seu trabalho pedagógico (OLIVEIRA, 1992 p. 15).

No entanto, o berçário é mais que um ambiente de acolhimento e de cuidados de puerícia, pois se compõe num lugar de descobertas e ampliação das experiências individuais, sociais e culturais dos bebês.

Na busca por reafirmar essa perspectiva em confronto com aquela ideia fragmentada e estigmatizada de educar e de cuidar (que beira o assistencialismo), e considerando ainda a confiança que pais, funcionários, professores e coordenadores depositam nestes espaços, propusemos um trabalho com o movimento corporal e a percepção dos bebês por meio de brincadeiras, do contato corporal e da inserção de algumas vivências distintas de seu cotidiano.

Mas o que justifica tal escolha? Primeiramente, o importante papel do movimento no desenvolvimento infantil, pois como afirma Wallon (1975), “o movimento é tudo o que pode dar testemunho da vida psíquica e traduzi-la completamente, pelo menos até o momento em que aparece a palavra”. (WALLON, 1975 p.75), o que destaca a pertinência de um trabalho com esse cunho junto a bebês, cuja linguagem oral ainda não se impõe sobre a corporal.

O movimento não intervém apenas no desenvolvimento psíquico da criança e nas suas relações com os outros; influencia também o seu comportamento habitual. É um fator importante do seu temperamento. Cada indivíduo tem uma compleição motora pessoal que depende das graduações variáveis das suas diferentes atividades musculares (WALLON, 1975 p.81-82).

Isso sugere que compreender a personalidade, o humor e os desejos dos bebês passa por uma leitura atenta de seus corpos e dos sinais que eles emitem, seja deslocando-se no espaço, seja pela expressividade visível em seus semblantes e feições, normalmente esculpido pelas emoções que se entrelaçam às experimentações infantis.

Ao explorar as contribuições wallonianas, Galvão (1995) ajuda a compreender que há uma relação intrínseca entre movimento e desenvolvimento da capacidade sensorial dos bebês, que precisa ser mediada culturalmente para transformar-se em percepção.

Na infância é ainda mais pronunciado o papel do movimento na percepção. A criança reage corporalmente aos estímulos exteriores, adotando posturas ou expressões, isto é, atitudes, de acordo com as sensações experimentadas em cada situação. É como se a excitação provocada se espalhasse pelo corpo, imprimindo-lhe determinada forma e consistência e resultando numa impregnação perceptiva, por meio da qual a criança vai tomando consciência das realidades externas (GALVÃO, 1995 p.72).

Isto quer dizer que a função tônica do movimento se faz sensível na constituição da percepção e, assim, da consciência da criança com relação ao outro, ao mundo e a si mesma.

Além disso, nossa área de origem é a Educação Física, cujo objeto de estudo é justamente o corpo em movimento em suas mais distintas manifestações culturais, outro



motivo que fundamenta a escolha por explorar o movimento corporal e a percepção dos bebês nessa intervenção. Cola-se a tudo isso o fato de que uma atuação com caráter pedagógico, que se volte para as aprendizagens de crianças muito pequenas como os bebês, ainda é um desafio entre os profissionais que atuam na Educação Infantil, muito por conta da compreensão de que bebês apenas precisam de cuidados básicos e de descanso.

Assim, nossa proposta pedagógica se alia ao entendimento de Pérez Gómez e Sacristán (1998), para quem o ensino não pode ser concebido como uma mera aplicação de normas, técnicas e receitas pré-estabelecidas, posto ser um espaço de vivências compartilhadas, de busca de significados, de produção de conhecimento e de experimentação em suas ações.

### **O primeiro contato: dúvidas e expectativas**

A primeira aula foi de muita expectativa tanto para a professora<sup>5</sup> do berçário quanto para nós, estagiárias. Logo no primeiro contato nos admiramos com o carisma das crianças e com a atenção da professora responsável por elas. Porém, como todo primeiro encontro é tenso pela ansiedade e medo de que os objetivos elaborados não sejam atingidos, nos sentimos apreensivas no começo. O grupo era composto por 18 crianças com idade entre 7 meses e 1 ano e 11 meses, além da professora e de duas monitoras que auxiliam nas atividades e na rotina desse nível de atendimento.

Como não tínhamos ainda uma noção das possibilidades de trabalho com os bebês no que se refere ao espaço disponível para a exploração dos seus movimentos, mas também quanto as suas limitações e possibilidades, pois a realidade sempre se impõe sobre a teoria, reservamos a primeira aula para atividades de aproximação e de reconhecimento da turma, uma vez que é de extrema importância esse contato inicial para desinibir as crianças e apurar nossa percepção de trabalho quanto as suas necessidades.

Saber organizar o tempo das aulas é fundamental na educação das crianças, pois quanto mais tempo ficam ociosas, maior o número de eventos negativos (brigas, gritarias, quebra de materiais etc.) que ocorrem nas creches. Organizar o dia-a-dia da criança significa, principalmente, estruturar o coletivo infantil no tempo e no espaço (OLIVEIRA, 1992).

Para fazer com que nossa apresentação aos bebês fosse organizada e propiciasse uma aproximação promissora, contamos com o auxílio da música para desinibir e facilitar a interação entre nós, além de que ela sempre pode tornar um ambiente mais alegre e receptivo. Assim, a *hora da música* envolveu cantigas ritmadas acompanhadas de gestos, algo que deve ser realizado diariamente, dado seu potencial de integração afetiva entre crianças e adultos (OLIVEIRA, 1992).

Nesse primeiro contato, embalados por canções, fizemos uma dinâmica com balões, pois a bexiga é um material de fácil acesso e de grande aceitação pelas crianças, além de proporcionar possibilidades diversas de movimentação, tanto para bebês que já andam quanto para aqueles que engatinham ou apenas permanecem sentados. Afinal, o movimento corporal é, principalmente para crianças tão pequenas, um elemento de interação social, meio de expressão e de comunicação.

Sem que pudesse ser muito diferente, nos surpreendemos com a reação e imaginação da turma. No começo, ainda um pouco tímidos, todos os bebês observavam com atenção e curiosidade. Quando se sentiam mais a vontade, pediam incansavelmente para descer dos

---

<sup>5</sup> Professora do Berçário do CMEI. Pedagoga formada pela Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão.



**CONCOCE / CONDICE 2010**

IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte  
I Congresso Distrital de Ciências do Esporte  
22 a 25 de setembro de 2010 - Brasília, DF

**ISSN 2178-485X**



berços e brincar livremente pelo espaço disponível. Tiramos todos os berços do lugar para uma melhor movimentação das crianças, o que para elas, parecia algo inédito. Por isso, aproveitaram intensamente cada momento dessa intervenção. Brincadeiras com objetos muito simples como os balões são capazes de oferecer aos bebês que exercitem suas possibilidades táteis e visuais, como acessar diferentes texturas e tamanhos, assim como diferentes cores e sons, elementos que estimulam sensorialidades e ajudam a compor o campo perceptivo.

A professora, sempre observando tudo com cuidado e dedicação, nos auxiliava na condução das atividades e também cuidava da rotina do berçário, trocando fraldas e dando banho nos bebês sempre que necessário.

No final, quando já não havia mais tempo para as atividades, voltamos todas as crianças aos seus respectivos berços e anunciamos o término das brincadeiras. Era notória a decepção de todos por não haver mais tempo disponível para brincar, correr e se movimentar. O choro era como que um protesto que muitas vezes não é ouvido pelos adultos (pais ou responsáveis), mas que, por fim, indicou uma grande satisfação e vontade de interagir e aprender cada vez mais. Nos fez enxergar que os espaços reservados para a Educação Infantil podem, de fato, se constituírem como intermediadores do desenvolvimento das nossas crianças. Portanto, é necessário garantir uma boa qualidade no trabalho pedagógico com todas elas para que sejam capazes de construir conhecimento enquanto sujeitos neste mundo.

### **Massagem: toque de proteção e de carinho**

Dedicamos nossa intervenção também à experimentação do toque, considerando que já nos primeiros meses de vida o bebê capta muitas sensações do meio externo, e antes mesmo de nascer, seu universo é composto de calor, de sons, de ritmo, de movimentos e de contato físico com sua mãe, quando ainda está no ventre materno. Walker (2000) afirma que o tato é a primeira linguagem do recém nascido e seu principal meio de comunicação, tendo papel essencial na formação dos primeiros vínculos entre pais e filhos.

Em função dessa realidade, idealizamos um momento em que pudéssemos utilizar a massagem como meio de contato, carinho e relaxamento dos bebês. Massagens terapêuticas como a Shantala e o Shiatsu tem como objetivo principal ampliar os momentos de contato dos pais com seus filhos (ou de outros adultos com as crianças), estabelecendo vínculos entre quem doa e quem recebe a massagem. Portanto, não há tanta necessidade de técnicas e de procedimentos padronizados. Apenas o toque e o contato, além da atenção às reações dos bebês ao receber este tipo de estimulação, são ações que incidem de modo afirmativo em seu desenvolvimento.

O toque e o carinho provocam um aumento da auto-estima e, conseqüentemente, da imunidade; alongam e promovem eliminação de tensões e bloqueios, previnem e aliviam as cólicas intestinais, facilitam um sono tranquilo e profundo, enfim, transformam o bebê saudável em todos os aspectos (WALKER, 2000). Acreditamos que por meio de todos esses benefícios, poderíamos contribuir de forma positiva na estimulação corporal das crianças, e, assim, minimamente apresentar novas possibilidades de interação social e de carinho.

A partir do segundo encontro, introduzimos como conteúdo programático a massagem. Tanto as crianças muito agitadas, inquietas, com choro considerado *sem causa*, quanto aquelas mais serenas e calmas, passavam por pequenas sessões de massagem.



**CONCOCE / CONDICE 2010**

IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte  
I Congresso Distrital de Ciências do Esporte  
22 a 25 de setembro de 2010 - Brasília, DF

**ISSN 2178-485X**



A massagem infantil, uma antiga tradição em muitas culturas, está sendo redescoberta no Ocidente. No mundo, há muitos lugares em que os bebês não são massageados apenas em momentos críticos, e sim como parte da rotina dos cuidados dispensados a eles durante os primeiros anos de vida. Cada cultura tem suas razões para usar a massagem... Os benefícios do toque no bebê se estendem a todos (KAVANAGH, 2005 p. 6).

Todas as aulas eram encerradas com a massagem e sempre ficávamos atentas aos sinais de satisfação de cada um por ser este o melhor indício da movimentação adequada. Alguns bebês dormiam quando acabava o toque de carinho e de relaxamento, deixando subentender os bons resultados do trabalho e dando sustentação em nossa pesquisa da relevância do toque como contato afetivo e terapêutico.

Frente a isso, o resultado surpreendeu a todos, até mesmo a professora responsável pela turma, que demonstrou curiosidade e interesse em aprender este contato de carinho. Com base nessas constatações, nós, estagiárias, elaboramos informativos de como fazer a massagem, que fornecessem demonstrações de nosso trabalho com as crianças do berçário, para que os enviássemos aos pais na tentativa de colaborar na interação entre pais e filhos, como meio alternativo de contato físico e indiretamente emocional.

### **Vamos ao passeio: liberdade pra dentro da cabeça!**

Em outras aulas, também atentas às necessidades de cada criança, levávamos todas para fora do berçário, ora para tomar banho de sol, ora para brincar livremente pela área verde da creche. Os bebês demonstravam grande satisfação e alegria ao sentir a liberdade proporcionada nestes momentos. Mas esta ação quase nunca era cogitada pelas regentes da turma, provavelmente em função de que o banho de sol ocorria em um corredor, protegido por uma grade de segurança, ao lado da sala do berçário, mostrando que mesmo o contato com a natureza nunca se fazia de modo direto. Por conta disso, no começo de nossos passeios sentíamos alguma resistência por parte da professora, o que remete a Sayão (2002) quando afirma que a tendência dos adultos é exercer uma espécie de dominação sobre as crianças:

Cobram uma postura de seriedade, imobilidade e linearidade, matando pouco a pouco aquilo que elas possuem de mais autêntico – sua espontaneidade, criatividade, ousadia, sensibilidade e capacidade de multiplicar linguagens que são expressas em seus gestos e movimentos (SAYÃO, 2002 p. 58)

Não era costume misturar as crianças do berçário com as crianças de outras turmas, pois direção e professoras temiam por sua segurança: que fossem machucadas por outras crianças, que caíssem, fossem picadas por insetos, dentre outros perigos. Com o tempo, esse paradigma foi sumindo e fomos conquistando a confiança da professora, o que tornou natural a atitude de retirada dos bebês do ambiente costumeiro. Chegamos ao ponto de demonstrar que a creche supera, nesses pequenos gestos, sua visão assistencialista, que não se deve ter somente a preocupação com a higiene ou alimentação e sim considerar o movimento para a construção de diferentes linguagens a todos os momentos da criança.

As atividades “livres” devem fazer parte da programação diária de todos os grupos de crianças. Desde o berçário até as turmas dos maiores, devem



ser organizados locais e momentos para que as crianças explorem o ambiente com maior liberdade de escolher seu foco de atenção. (OLIVEIRA, 1992 p. 100)

Assim, pudemos observar os bebês manipulando objetos por longos períodos, como se quisessem descobrir suas propriedades, suas texturas, cheiros e as distintas sensações advindas dessas interações. Nós os instigávamos a observar pequenos insetos que se movimentavam pela grama e a experimentar nas próprias mãos desde a leveza da grama até a rigidez de um pequeno pedaço de pedra. Acreditamos que a capacidade de percepção do bebê vai formando uma noção de mundo, mas sua incapacidade motora, segundo Oliveira (2007; 1992), limita-lhe esta exploração, afinal, é a estimulação, seja motora, auditiva ou visual, que dá oportunidade de interação com o universo a sua volta, fazendo-o conhecer e compreender um mundo novo.

Era explícita a capacidade de cada bebê naqueles momentos. Capacidade de ações, de independência, de alegria e descobertas, pois no leito de seus berços tornara-se impossível a visualização e a interpretação de seus atos, prontos a explodirem a qualquer oportunidade. Víamos em seus pequenos olhos a sensação de liberdade e de sede de exploração do mundo.

No começo, alguns bebês mais contidos, pela falta de costume e de interação com as outras crianças, se assustavam com a imensidão do espaço a sua volta, com as pessoas consideradas estranhas ali presentes, pela provável ausência da professora costumeira que cuidava, protegia, alimentava e acolhia nos momentos oportunos. Porém, com o passar dos dias, de sua adaptação a nós, os bebês assumiam posturas diferenciadas e se atraíam cada vez mais pelos acontecimentos ao seu redor. Fotos reveladoras comprovam suas expressões e possíveis ações no decorrer de manhãs cheias de novidades e com liberdade de movimento.

### **Chove lá fora... e agora, o que fazer?**

Quando não era possível a retirada dos bebês para fora da sala por conta do frio, ou por outras condições climáticas hostis em determinadas épocas do ano, realizávamos as atividades dentro da sala do berçário. Mesmo com toda dificuldade de espaço e de material, propusemos brincadeiras com objetos alternativos e baratos, como revistas para serem picadas, potes para serem encaixados e empilhados, rolos de papéis higiênicos coloridos, garrafas pet coloridas com pedrinhas para que fizessem barulhos, prendedores de roupas, lençóis e também bolas, vídeos, músicas. Tudo que pudesse trazer algum tipo de estimulação sensorial e motora, proporcionando o desenvolvimento de cada um em termos de acuidade perceptiva bem como de exercício da fala e da imaginação, para que os bebês se apropriassem de conhecimentos a todo tempo, sem deixar de estarem relacionados com a vivência cotidiana.

A atividade educativa deve ser intencionalmente orientada para a ampliação do universo cultural das crianças, de modo que lhes sejam dadas condições para compreender os fatos e os eventos da realidade, habilitando-as a agir sobre ela de modo transformador (OLIVEIRA, 2007 p. 48)

Procuramos oferecer atividades que possibilitassem este desenvolvimento através da arte, da massagem, da música, da dança e das brincadeiras, mesmo sendo elas simples e



espontâneas. Nesses momentos, a imaginação tomava conta tanto das crianças quanto de nós, estagiárias.

Algo que fosse planejado poderia dar errado, então, um segundo plano sempre seria a melhor saída. Um bom exemplo para esta afirmação foi a atividade com as garrafas pet coloridas com tinta guache. Aparentemente era uma boa proposta, porque permitia explorar as capacidades motoras e sensoriais (tato, visão, audição) dos bebês através do barulho, da movimentação ao sacolejar os objetos, dos diferentes sons, do contato direto com a textura do brinquedo. Enfim, esse contato traria surpresas com relação as suas possibilidades. Porém, quando a tinta começou a se soltar e sujar tudo e a todos, percebemos que esse brinquedo poderia ser perigoso para as crianças (ingestão e cheiro forte). Retiramos aos poucos os brinquedos da atividade e propusemos a montagem de uma cabaninha feita de lençóis sobre os berços, formando túneis por onde os bebês passavam engatinhando ou caminhando, mas também ficavam sentados a interagir com brinquedos e com os pares.

Nesse sentido, Oliveira (2007) afirma que

devemos ter a definição de uma proposta pedagógica considerando a importância dos aspectos socioemocionais (...) criação de um ambiente interacional que provoque a atividade infantil, a descoberta, o envolvimento em brincadeiras e explorações com companheiros (OLIVEIRA, 2007 p.50).

Por considerar esses indicadores é que tentamos estruturar nossas aulas de modo que elas oferecessem oportunidades de vivências com materiais diversificados a ser usados das mais distintas formas, privilegiando as descobertas, as interações e o envolvimento dos bebês com aqueles mundos que apresentávamos a eles. Assim, o espaço para a criação e para a experimentação é que davam o tom ao desenvolvimento das atividades propostas.

### **Para terminar...**

Realizar trabalhos mais organizados do ponto de vista pedagógico com bebês ainda é uma novidade e um desafio. Por mais que do ponto de vista das teorias psicológicas exista um acervo significativo de saberes acerca do desenvolvimento dos bebês e de sua inteligência, do ponto de vista prático, historicamente tem se subestimado o que é possível fazer com eles. Isto coloca demandas vitais às políticas de formação de professores, bem como às políticas públicas no que se refere ao financiamento da Educação Infantil, que requer investimentos pesados se realmente pretende oferecer boa qualidade no atendimento de crianças bem pequenas.

É nesse contexto que, inicialmente, uma inquietante pergunta não queria calar: o que fazer com bebês? O que professoras de Educação Física teriam a oferecer a seres ainda tão frágeis e necessitados de tantos cuidados elementares? Ao nos deixarmos envolver por aquele ambiente e por aquele grupo, o medo e a ausência inicial de perspectivas cederam lugar à compreensão de que seria preciso ter muita sensibilidade para olhar e escutar os bebês em suas especificidades, único modo de aprender a ser suas professoras, pois as práticas com esses seres cheios de vontade de viver, pedem sutilezas muito mais do que certezas, como atestam Souza e Weiss (2008).

A imaginação, a disposição e a compreensão da necessidade de movimentação daqueles pequenos deram direção aos afazeres. Perceber o quanto é possível aprender, criar



e colaborar com essas crianças nos encheu de expectativas e de coragem. Frente a isso, compreendemos que às vezes é preciso tornar-se criança para captar a alegria de viver em pequenas coisas e gestos, em pequenas ações e palavras, a grandeza dos momentos que realmente são intensos na vida.

### **Referências**

- GALVÃO, I. **Henri Wallon**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- KAVANAGH, W. **O toque no bebê: massagem e reflexologia para bebês e crianças**. São Paulo: Pensamento, 2005.
- KUHLMANN JR., M. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- OLIVEIRA, Z. M. et al. **Creches: crianças, faz de conta & Cia**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- OLIVEIRA, Z. M. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- PÉREZ GÓMEZ, A. I.; SACRISTÁN, J. G. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SAYÃO, D. T. Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à Educação Infantil e à Educação Física. **Revista Brasileira Ciência do Esporte**, Campinas, v. 23, n2, pp. 43-54, jan./2002.
- SIMÃO, M. B. Educação Física na Educação Infantil: refletindo sobre “a hora da Educação Física”. **Revista Motrivivência**, ano XVII, n° 25, p. 163-172, dez./2005.
- SOUZA, A. C.; WEISS, V. Aprendendo a ser professora de bebês. In: OSTETTO, L. E. (Org.). **Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. 3. ed. São Paulo: Papirus, 2008. p. 33-48.
- WALKER, P. **O livro de massagem do bebê**. São Paulo: Manole, 2000.
- WALLON, H. A importância do movimento no desenvolvimento psicológico da criança. In: **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Estampa, 1975. p. 75-82.